

CONHECENDO O MEIO AMBIENTE EM RIO BONITO: UMA PRÁTICA LÚDICA E EDUCATIVA NO COLÉGIO NOSSA SENHORA DE NAZARÉ, NOVA FRIBURGO-RJ

GOMES, Inajara Schuaber

Bióloga e Mestranda em Ciências Sociais, Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Av. Presidente Vargas 417, 6.º ao 9.º andares, CEP 20071-003 – Rio de Janeiro/RJ. Brasil. E-mail: cpda@ufrj.br.

ARAUJO, Joel de

Prof. Dr. do curso de Pós-Graduação em Ciência Ambiental – Universidade Federal Fluminense (UFF). Av. Litorânea, s/n.º, 4.º andar. CEP 24030-340. Niterói/RJ. Brasil. E-mail: jaraujo0403@gmail.com

RESUMO

A presente pesquisa foi desenvolvida na cidade de Nova Friburgo, mais precisamente no sétimo distrito – Lumiar –, na localidade de Rio Bonito. Por não haver na região nenhum trabalho educativo de conscientização e de reflexão e com informações à população sobre as principais questões ambientais, objetivou-se fazer um diagnóstico socioambiental junto a essa comunidade local dos seus problemas para, posteriormente, realizar atividades educativas de cunho ambiental na Escola Municipal Nossa Senhora de Nazaré. Para tal, a estratégia educativa utilizada foi a contação de histórias. O instrumento de pesquisa aplicado foi o questionário direcionado às famílias e aos docentes. A partir dos principais problemas apontados, foram priorizados aqueles de ordem ambiental, tais como: a poluição do rio, o lançamento dos resíduos sólidos em locais não apropriados e a caça armada. Assim, essas questões foram trabalhadas entre os alunos na escola local, por meio da contação de histórias. Também foram realizadas outras atividades educativas lúdicas. Ao final, pôde ser observado que não somente os contos, mas também as atividades complementares, auxiliaram no trabalho de educação ambiental, visto que as crianças, além de se interessar pelo assunto, participaram intensamente, refletiram, trocaram e construíram conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Educação ambiental; Atividades lúdicas; Ensino fundamental; Contação de histórias; Diagnóstico.

ABSTRACT

This research was developed in the city of New Friburgo, more precisely in the seventh section – Lumiar – Rio Bonito. The inexistence in the region of educational actions aimed at understanding, reflecting and offering information to the population on the main environmental subjects has led to an environmental diagnosis, to identify the local community problems and, later, to develop educational environmental activities at municipal school Nossa Senhora de Nazareth. To attain this aim, the selected educational strategy was story telling. The research instrument was a questionnaire addressed to the families and to the teachers. Based on the principal detected problems, the ones related to environmental issues were selected, such as: river pollution; the release of solid residues in not appropriate places and the armed hunting. Those subjects were discussed with the local school students through story telling. Other playful educational activities were also developed. Finally, it could be observed that, not only the stories, but also the complementary activities, have helped the students in the environmental education work, considering that besides showing interest in the subject, they participated intensely, reflected, changed and built knowledge.

KEYWORDS: Environmental education; Playful activities; Elementary school; Story telling; Diagnosis.

INTRODUÇÃO

Rio Bonito está localizado no quinto distrito de Nova Friburgo, Lúmiar, no Estado do Rio de Janeiro. É um local com extensa área de Mata Atlântica, ainda conservada, possui uma enorme diversidade de flora e fauna, estando em uma das áreas mais preservadas de Área de Proteção Ambiental (APA) de Macaé de Cima (ARAÚJO; LIMA, 2006). Nos últimos dez anos, o lugar vem se tornando um polo turístico considerável, absorvendo um incremento populacional cada vez maior, o que faz com que, grande parte da população local de agricultores tenha gradativamente alteradas as suas atividades sócio-econômico-político-cultural-ambientais e, a partir de então, busquem alternativas de sobrevivência econômica.

Diante de um cenário de intensas e rápidas transformações, a comunidade local sentiu a necessidade de criar estratégias e alternativas como forma de sobrevivência a essa nova realidade, e o setor educacional – motivador dessa pesquisa – emergiu como elemento de fundamental importância no tocante a propostas na busca de reflexões e mudanças que pudessem dirimir as possíveis instabilidades ali existentes.

Por ser a escola o espaço de reflexão/construção e formação, onde o indivíduo – em tese – deve ser (in)formado a respeito das questões que também fazem parte do seu cotidiano, foram notadas a necessidade e a importância do desenvolvimento e (implantação) desta pesquisa.

São diversas as transformações que o distrito de Rio Bonito tem sofrido: poluição dos recursos hídricos, desmatamento, diminuição da flora e da fauna local, crescimento considerável da população, aumento de construções irregulares – algumas, inclusive, sem a presença de fossa, com o esgoto correndo direto para os rios –, etc. Com isso, nos últimos dez anos, alguns rios até então limpos, agora não mais o são. Na época do inverno, principalmente, as queimadas vêm se tornando ainda mais comuns, destruindo grandes áreas. No entanto, não há nenhum projeto ou planejamento no distrito, nem mesmo para com os turistas, sobre a importância das questões ambientais. Também não há

um Plano Diretor bem-estruturado que possibilite uma melhor organização do espaço ou uma fiscalização quanto às práticas ambientais ilegais.

O saneamento básico na região é altamente precário. O abastecimento de água, sem análises e tratamento sistematizado nas nascentes e reservatórios, gera uma série de doenças. Observa-se, pelos dados do IBGE Censo 2000, que a maioria (70,6%) dos domicílios da região da Bacia do Rio Macaé tem acesso à água através de poços e nascentes (ARAÚJO; LIMA, 2006, p.40).

Nesse sentido, esta pesquisa apontou para uma área denominada Rio Bonito, localizada a aproximadamente 27 quilômetros do centro do distrito de Lúmiar, em Nova Friburgo (RJ), sendo este um dos locais ainda mais conservados, com rios de água potável, além de uma grande área de Mata Atlântica, uma Área de Proteção Ambiental (APA) – a APA de Macaé de Cima – e o Parque dos Três Picos.

Como alternativa para trabalhar as questões socioambientais e buscar desenvolver uma consciência, talvez um pouco mais *crítica e reflexiva* na comunidade de Rio Bonito, iniciou-se um trabalho de cunho educativo – até porque tem sido costume, com relação a essas questões, também os estabelecimentos de ensino desenvolverem atividades *ditas* ambientais, somente no Dia do Meio Ambiente, quando então ocorrem:

Diferentes tipos de atividades [...] traduzidas em eventos pontuais como [...] gincanas e jogos ambientais; plantio de mudas (às vezes simbólicos); concurso de redação, etc. (ARAÚJO, 2008, p.184).

Assim, o desenvolvimento da presente pesquisa teve o objetivo de fazer um diagnóstico das questões locais mais relevantes sob o olhar de parte da população local, a serem dialogadas, posteriormente, com esta mesma população, por meio do ensino formal, ou seja, dentro do espaço escolar.

Na Escola Nossa Senhora de Nazaré, a educação ambiental foi escolhida como o *locus* interlocutório, inicialmente do diagnóstico e, posteriormente, do diálogo a ser feito sobre o/no contexto socioambiental local. Em princípio, constatou-se junto a atores específicos da inexistência de atividades ambientalmente educativas, bem como a deficiência da escola quanto a atividades lúdicas. Essa é a escola da região que recebe o maior número de alunos. Outro fator importante é o de que é uma escola multisseriada. Assim, a diagnose, montagem e explanação dos conteúdos, bem como a aplicação dos exercícios e retorno de todas as etapas do processo, puderam acontecer.

Referencial teórico

A criança, como o jovem que ainda não se adaptou às exigências do mundo adulto (do trabalho e da razão instrumental), está aberta à recepção das semelhanças sensíveis e sua formação individual se produz como aprendizado (e criação) do mundo. Assim, a experiência infantil da brincadeira, da expressão mimética e lúdica, se constitui como o germen do novo que pode ser contraposto à experiência do adulto, adaptado às condições do mundo regido pelo modo de produção e de representação modernos (SCHLESENER, 2009, p.2).

Até o século XIX, desconhecia-se a criança como ser inteligente e a imagem do adulto era proposta pelos educadores como ideal a atingir (BENJAMIN, 1985).

O individualismo burguês que se instaurou na sociedade moderna se sedimenta na ideia de que as crianças são diferentes e é preciso adaptá-las ao mundo adulto. Na verdade, o adulto, por não compreender a percepção infantil porque a aborda de uma perspectiva temporal linear, também não entende exatamente o sentido do brinquedo na experiência da criança (BENJAMIN, 1985, p. 237).

Ainda, segundo Benjamin (1984, p.246):

A história cultural dos brinquedos mostra que estes não podem ser explicados apenas a partir do espírito infantil, mas expressam ainda o processo de construção da sociedade: as "crianças não constituem nenhuma comunidade separada, mas são partes de povo e da classe a que pertencem." Desse modo, o brinquedo e a brincadeira infantil estabelecem "um diálogo mudo, baseado em signos, entre a criança e o povo".

"As crianças são seres culturais, não porque são brasileiros, mas porque vivem numa comunidade concreta de sua cultura enquanto inserção" (FREIRE; MOZZA; NOGUEIRA, p. 62, 1990). Destaca-se também que, para Vygotsky em Oliveira (2002), a criança não reproduz totalmente os comportamentos, ela participa ativamente da construção de sua cultura e de sua história, modificando-se e provavelmente transformando os sujeitos que interagem com ela. O conhecimento se dá através da troca intra e interpessoal. É na troca com outros sujeitos e com si que se vão internalizando conhecimentos, papéis e funções sociais.

Nesse contexto, para desenvolver um trabalho educativo lúdico com os alunos dentro do universo escolar, deve-se levar em consideração a importância da brincadeira no desenvolvimento infantil e como a construção da imaginação e a troca de saberes podem auxiliar no processo de aprendizagem. Para auxiliar no desenvolvimento dessas atividades, deve-se ter em mente que:

A educação implica uma busca realizada por um sujeito que é o homem. O homem deve ser o sujeito da sua própria educação. Não pode ser o objeto dela. Por isso, ninguém educa ninguém. Mas esta busca deve ser feita com outros seres que também procuram ser mais e em comunhão com outras consciências, caso contrário se faria de umas consciências objetos de outras. Seria "coisificar" as consciências (FREIRE, 1998, p. 28).

METODOLOGIA

Inicialmente, foi feito um diagnóstico acerca dos principais problemas locais, cujos participantes teriam de ser não somente residentes em Rio Bonito, mas, principalmente, aqueles cujos filhos estudassem no colégio municipal Nossa Senhora de Nazaré. Para tal, utilizou-se como instrumento para a coleta dos dados a entrevista semiestruturada. A partir desse critério, investigou-se na escola o quantitativo de alunos cursando a alfabetização, o primeiro, o segundo e o terceiro anos, para, a partir de então, referenciar não somente o número de famílias a serem pesquisadas, mas também traçar o roteiro das atividades de campo.

Constatado que eram 18 os alunos cursando do 1.º ao 3.º ano do ensino fundamental, identificou-se que estavam contidos em 14 famílias. Nessa primeira fase foram escolhidos os pais dos alunos, uma vez que, além de serem moradores da comunidade, em tese estão mais próximos da "vida escolar" das crianças, podendo contribuir com informações acerca de Rio Bonito. Foram entrevistadas também duas professoras e uma diretora, para obter informações sobre o universo escolar sob o ponto de vista daqueles atores que trabalham no espaço.

As entrevistas com as famílias foram feitas durante três dias, com cerca de 20 horas de campo nessa primeira fase. Foram realizadas de forma oral e as respostas, anotadas durante a conversa com os entrevistados; em alguns momentos, os filhos estavam presentes e também contribuíram com algumas das informações. Como já havia sido realizado um contato prévio com as crianças na escola, elas também indicaram alguns dos demais endereços, chegando inclusive a apresentar os próprios pais, o que contribuiu para um melhor desenvolvimento da pesquisa, uma vez que assim, os entrevistados pareceram mais seguros e as conversas fluíram melhor.

As perguntas a serem feitas aos pais, professores e diretores, estavam assim distribuídas: 10 perguntas para o primeiro grupo e 12 para o segundo e terceiro. Destacam-se aqui algumas julgadas de extrema relevância para o desenvolvimento de atividades em sala de aula, a saber: Você considera/acha que existe

algum tipo de problema aqui em Rio Bonito? () sim () não. Caso positivo, qual/quais problemas são esses?; Você participa de alguma atividade na Escola N. S. de Nazaré? () sim () não. Caso positivo, em qual/quais atividades?; Você acha que existe(m) problema(s) ambiental(is) em Rio Bonito? () sim () não. Caso positivo, quais são esses problemas?; dentre outras perguntas.

Após a coleta de dados, fez-se uma (re) leitura de todo o material pesquisado em campo, resultado das entrevistas, para registrar todos os depoimentos feitos. Os dados, convertidos em informações, foram traduzidos/ interpretados por meio da análise dos discursos proferidos pelos entrevistados. A análise está baseada nos postulados de Minayo (1994) e Godoy (1995), acerca da forma holística da abordagem do pesquisador para com o ambiente e as pessoas que nele convivem e participaram do processo.

Como forma de trabalhar as questões socioambientais levantadas no diagnóstico, foi escolhida como estratégia a contação de histórias. Para tal, foram realizados estudos anteriores que incluíam a leitura do conto, algumas vezes para que os elementos da história fossem bem conhecidos, o que propiciou a sua melhor compreensão. Isso é confirmado por Estés (2001, p.68), que afirma: "Deve-se dormir com as histórias, até que ela sangue você mesmo."

Para o desenvolvimento/implantação das atividades pedagógicas em sala de aula, considerou-se a faixa etária e o ano escolar dos alunos, adequando o vocabulário das histórias e também a criação de matéria-prima adequada ao momento interativo. As histórias duravam até 15 minutos, pois contos com maior duração podem tornar-se cansativos. Como forma de adequar o vocabulário à realidade, as histórias foram recontadas agregando à sua estrutura elementos da região, onde as crianças (com)vivem e as problemáticas apontadas no diagnóstico com os pais estão presentes.

As histórias adaptadas foram as seguintes: "A menina que era irmã de 7 dives"; "Conversando com Rio Bonito"; e "Protegendo os animais: Anhangá". Ademais, após essa fase, foram realizadas as atividades de

avaliação, com desenhos e montagem de mural sobre um dos temas desenvolvido. O desenho foi escolhido como elemento de avaliação/interpretação no diagnóstico, devido ao fato de que muitos daqueles alunos ainda não sabem escrever.

Durante todos os dias de atividades, previamente foram colocadas músicas para os alunos, como forma de introduzi-los nas histórias, na seguinte sequência musical: "Aquarela" (cantada e composta por Toquinho), "Água, fogo, terra e ar" (composta e cantada por Bia Bedran), "Anhangá" (composta e cantada por Ricardo Villas) e "Meninos" (composta por Juraildes da Cruz e cantada por Xangai). Além disso, foram realizadas outras atividades lúdicas, como: vivências, colagem, desenho, dança e teatro, de modo a trabalhar as múltiplas inteligências das crianças e promover a melhor compreensão dos assuntos trabalhados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na questão "Você considera/acha que existe algum tipo de problema aqui em Rio Bonito? () sim () não. Caso positivo, qual/quais problemas são esses?", 86% das famílias responderam sim e 100% do grupo de professores e diretor, também. Quanto aos problemas os mais citados, se destacaram: ausência de escolaridade até o 9.º ano, uma vez que no local só existe escola até o 5.º ano; pouca disponibilidade de horários de ônibus para o centro de Nova Friburgo; pouco emprego; falta de emprego.

Em resposta à pergunta: "Você participa das atividades na escola N. Senhora de Nazaré? () sim () não. Caso positivo, em qual/quais atividades?", 100% das famílias responderam sim. Como atividades eles responderam que participam dos eventos (festas), quando estes ocorrem.

Em resposta à pergunta: "Você participa de alguma atividade na comunidade de Rio Bonito? () sim () não. Caso positivo, em qual/quais atividades?", 67% dos entrevistados responderam sim, indicando que participam da associação de moradores e que a escola vai às festas que ocorrem no povoado, fazendo apresentações de trabalhos dos alunos.

Em resposta à pergunta: "Você acha que existe(m) problema(s) ambiental (is) em Rio Bonito? () sim () não. Caso positivo, quais são esses problemas?", 71% das famílias responderam sim e 67% das professoras e diretora, não. Constatou-se que o corpo docente está no local há pouco tempo, desconhecendo muito da problemática regional. Quanto aos problemas ambientais citados pelas famílias, foram indicados: lixo (jogado pelos comerciantes locais, moradores e turistas dentro da mata ou nos córregos). As poucas lixeiras que existem ficam abertas, são feitas de madeiras e não apresentam nenhuma estrutura que comporte o lixo; caça armada de animais silvestres (tais animais são caçados com o uso de espingarda, com destaque para a paca, o tatu e pássaros. É um costume transmitido de geração a geração); lixo nos córregos (devido às poucas lixeiras, o lixo jogado na beira da estrada ou dentro da mata ciliar, com a chuva, é carregado rio adentro. Alguns pais, inclusive, disseram que os filhos tomam banho nesses rios que, com o tempo, tendem a ficar poluídos).

Após o diagnóstico, foram elaboradas as atividades socioambientais de cunho educativo que seriam implementadas na escola. Inicialmente foi contada a história "A menina que era irmã de sete dives", que fala sobre um mundo com monstros e a luta de dois jovens para chegar a um reino encantado. Os alunos, então, desenharam como seria para elas um Rio Bonito muito bom para morar, imaginando, nesse processo, o reino encantado que foi alcançado na história. Para introduzir a história foi colocada a música "Aquarela". A maioria dos alunos desenhou casas grandes, com gramado, piscinas e cavalos. Em alguns desenhos havia rios com gramados e árvores no leito. O primeiro pode representar traços da influência externa dos visitantes. Usualmente, são eles que empregam a comunidade local, incluindo os pais dos alunos que fizeram parte da pesquisa. O segundo desenho representa a paisagem de Rio Bonito, que está presente no cotidiano do aluno, uma vez que grande parte dos rios possui enormes gramados nas suas margens.

Para Vygotsky (1991), por meio de desenhos, as crianças interpretam o mundo, mostram o que

conhecem, interpretam a realidade. Pelas verbalizações associadas aos desenhos, as crianças atribuem significados aos mesmos, demonstrando interpretações pessoais ao que foi desenhado. O pensamento expresso pela palavra explicita seu mundo. Os desenhos por si mesmos, sem as verbalizações, não explicitam os significados que a criança atribui ao que faz. A criança desenha o que conhece, mas faz desconstruções, reconstruções em novas combinações, de acordo com suas experiências, imaginação e ações criativas.

A segunda estória contada "Conversando com Rio Bonito", se reporta a um rio que se assemelha muito ao rio do local e sobre como ele vai se poluindo no decorrer da sua passagem por um povoado. Essa foi uma atividade interativa de que, em todos os momentos, os alunos participavam e se interessavam, dizendo sobre o que deixava o rio triste e/ou feliz. Finalmente falaram que não deveria ser jogado lixo dentro da água e se emocionaram muito com o que foi contado. A música que introduziu a estória foi "Água, fogo, terra e ar", por abordar o tema da água e seu ciclo, de uma forma lúdica.

Após essa etapa, foi realizada uma atividade denominada "Ciranda do equilíbrio", retirada dos *Cadernos de educação Ambiental, Guia de Atividades* (2006), explorando alguns elementos como: poluição da água, lixeiras abertas que contribuem para a poluição e as consequências destes e do desmatamento da mata ciliar para o ecossistema, enfatizando a saúde do homem e dos animais. A atividade consistia numa ciranda, em que os alunos deveriam representar, individualmente, alguns elementos, como as árvores, o rio, a cachoeira, o córrego, a nascente e animais – peixes e pássaros e o próprio ser humano. Em todos os momentos houve diálogos e, para tornar a atividade mais interativa, produziram-se os componentes da ciranda que foram colados nas crianças, um símbolo do que cada um representava naquele círculo. Esse momento deixou os alunos ainda mais animados, sempre refletindo e interagindo sobre o que acontecia com o seu personagem individual. Por ser uma atividade corporal,

todos brincaram e compreenderam bem a mensagem, o que pode ser comprovado através de conversas informais.

O terceiro conto, "Protegendo os animais: Anhangá", é a estória de Anhangá, personagem folclórico do Norte do Brasil. Nela, os caçadores vão para mata e, no momento em que encontram os animais da caça, o Anhangá aparece e faz os caçadores fugirem assustados. Aqui, os animais da estória "original" foram trocados por nativos, e a lenda foi contada como um "causo", ou seja, como se fosse verídica e tivesse ocorrido com um morador local. A música "Anhangá", que descreve o personagem, tocou depois, despertando a curiosidade entre todos os alunos que perguntaram sobre a veracidade da estória.

No final dessa etapa, foi realizada uma atividade em que os alunos montaram um painel com fotos de animais presentes na região. Foi demonstrado e percebido pelos alunos como todos os animais estão interligados, uma vez que, através da cadeia alimentar, um herbívoro precisa da planta e, por sua vez, o carnívoro precisa do herbívoro para se alimentar. Ratificou-se que esse equilíbrio se rompe com o homem matando um grande número de animais, pois faltará comida para outro elo.

No último dia foi colocada a música "Meninos", no intuito de introduzir as atividades, por ser uma música sobre a vida no campo, sobre as brincadeiras das crianças e sobre o seu imaginário. Após este momento, pediu que pensassem sobre qual das três estórias mais gostaram. Isso foi feito para tentar avaliar e absorver como interpretaram as estórias. Foram realizados nove desenhos para a estória da água (três por alunos do 1.º ano e seis por alunos do 3.º ano) e sete desenhos (um por aluno do 1.º ano, quatro por alunos do 2.º ano e dois por alunos do 3.º ano) para a estória da caça. Assim, observou-se qual foi essa estória, bem como se a mensagem da mesma esteve presente nos desenhos. A estória "A menina que era irmã de sete dives" não esteve presente na avaliação, pois foi contada apenas para introduzir uma atividade de maneira lúdica, não se referindo às questões socioambientais da comunidade.

Os alunos que representaram a estória do rio fizeram-na através de desenhos do rio limpo com árvores e flores na sua margem, ou o momento em que ele era poluído e sentia dor. Já a estória da caça foi representada pelo momento no qual o Anhangá aparece para assustar os caçadores. Aqueles que mais gostaram, por exemplo, da estória da água, realizaram uma segunda atividade concomitante, na qual receberam dois desenhos (esquemas) produzidos previamente, da seguinte forma: um com o rio de aparência feliz e o outro desenho com o rio triste. Também receberam imagens da biodiversidade próxima ao entorno do rio, como árvores, peixes, flores, cobras e até o próprio homem, e outras figuras com desenhos, como sapatos, latas de refrigerante, etc., que depois deveriam ser coladas, no rio feliz ou no rio triste, mostrando, assim, o que imaginavam deixar o rio limpo e o que polui o rio. Essa atividade foi desenvolvida no sentido de ratificar o que foi trabalhado na estória "Conversando com o Rio Bonito" e saber se os alunos compreenderam a mensagem, bem como as atividades propostas.

Para os alunos que desenharam a estória da caça, realizou-se uma atividade na qual fizeram um círculo e representaram dois pássaros, dois tatus, uma planta, duas cobras, um gavião e, a partir daí, cada qual mostrou como aqueles agiriam no seu ambiente, devendo movimentar-se conforme tais animais e o que cada um comeria. Constatou-se que o pássaro e o tatu dependem da planta; a cobra come o tatu e o pássaro e o gavião come a cobra, mas o homem chega a esse lugar e mata um pássaro e prende o outro e eles não fazem mais a dispersão das sementes. Como consequência, não nasce mais planta e o tatu, então, morre de fome, a cobra fica sem os pássaros para se alimentar e procura alimento até morrer de fome, e o gavião, por fim, também não resiste. Até que o próprio homem morre de fome, pois a sua fonte alimentar se foi esgotando. Após esta constatação/vivência/reflexão, perguntou-se aos alunos o que o homem não deveria fazer para evitar que tal situação ocorra. Por meio das respostas positivas dadas oralmente ao final da vivência, pôde-se avaliar o que elas captaram na mensagem da estória da caça e do desequilíbrio que

esta atividade descontrolada pode causar.

Quanto às atividades corporais realizadas – vivência e a atividade da água –, estas possibilitaram que os alunos interagissem, sentindo e vivendo, ao mesmo tempo, o que estava sendo realizado. Para Egan (1992, p. 43), "a imaginação é a capacidade de pensar nas coisas que podem vir a ser; é um ato intencional da mente; é a fonte da invenção, da novidade e da criatividade". "A imaginação opera com a razão, às vezes pela capacidade de formar imagens, às vezes independente disso, envolvendo também a emoção. Isto acontece no contexto da história da cultura humana" (EGAN, 1992, p. 143). Numa perspectiva educacional, a imaginação opera por meio dos instrumentos cognitivos: narrativas, metáforas, opostos binários, rima, ritmo e padrão, imagem mental, humor, dramatização e mistério (EGAN, 2005).

Assim, foi interessante observar que, com as estórias, os alunos compreenderam as mensagens, o que pode ser comprovado durante a realização das atividades, quando todos repetiram o que estava sendo perguntado, extrapolando em certos momentos e alcançando respostas antes que as perguntas fossem feitas. Embora, em alguns poucos momentos tenham ocorrido dispersões, em outros os alunos ficaram muito entretidos, gargalhando, gritando, ou seja, se emocionavam com o que estava sendo contado. Essa foi uma agradável/lúdica/construtiva e interativa forma de se trabalhar/discutir/refletir com as crianças a temática abordada, apontando para os principais pontos por eles previamente elencados. Ademais, constatou-se ter havido também uma troca entre quem contou e quem escutou, além dos momentos de interatividade e de intercâmbio de conhecimento. Isso porque as estórias propiciaram momentos de reflexão e de descontração, formas essenciais que deveriam sempre estar presentes dentro do universo escolar, conforme assevera Giordano (2004, p. 518):

As estórias são excelentes ferramentas para ampliar a consciência, despertar a curiosidade, exercitar a criatividade e educar. Por meio dos exemplos apresentados nos contos, as pessoas

adquirem maior vivência. As histórias trazem ao entendimento o abstrato, munindo os ouvintes com experiências e ampliando as possibilidades de relacionamento com o meio.

"Em última análise, as histórias ensinam os homens a ouvir, a pensar, a crescer e a viver bem no ambiente que os circunda" (GIORDANO, 2004, p.527).

CONCLUSÕES

Através do diagnóstico socioambiental junto aos familiares, professoras e diretora da Escola Municipal Nossa Senhora de Nazaré, pode ser evidenciado alguns problemas, concepções e relações que permeiam Rio Bonito e os seus moradores. Tais atores foram de extrema importância para que o processo de elaboração das atividades didático-pedagógicas fossem desenvolvidas e implementadas naquela escola.

O desenvolvimento das atividades pedagógicas propiciou que os alunos compreendessem a realidade que os cerca sob uma ótica diferente, possibilitando-os à construção de uma reflexão crítica acerca do espaço, das relações e do contexto local. O diálogo com a realidade vivida diariamente permeou as práticas educativas posteriores, de forma que os educandos apreendessem melhor os conteúdos escolares que lhes foram transmitidos.

No decorrer do processo observou-se que o ensino dito formal nessa escola se mostra incipiente por diferentes motivos: classes multisseriadas, pouca participação da família, resquícios oligárquicos, atuação dos docentes e pouca qualificação profissional. Dentro desse contexto, pode ser constatada a importância do desenvolvimento de atividades lúdicas junto às crianças nessa faixa etária, permitindo a sua livre expressão e brincadeira. Fatos que contribuem para a construção, então, de sua individualidade enquanto sujeito e aluno.

Ao se levar as brincadeiras para dentro da sala de aula, puderam ser observados o entrosamento entre as crianças de forma mais dinâmica, leve e livre de imposições que permeiam as práticas educativas. Dessa forma, foi possibilitado que elas se expressassem,

participassem, refletissem e ensinassem. As histórias foram contadas propiciando momentos de descontração. Houve, também, uma troca de afeto e saberes encantadores. Constatou-se que as histórias auxiliaram na construção do conhecimento e que, para essas crianças e aqueles envolvidos na pesquisa, foram momentos únicos, em que se aprendeu como cuidar não somente do meio ambiente externo, mas também, do nosso meio ambiente interno.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Joel de. **Considerações sobre Programas Ambientais ditos educativos**. Acta Sci. Human Soc. Sci. Maringá. v.30, n.2, p.181-187, 2008.

ARAÚJO, Marcelo Castañeda & Lima, Pedro Higgins Ferreira. **Diagnóstico Socioambiental de Nova Friburgo**, 2006.

BEDRAN, Bia. **Água, fogo, terra e ar**. 02h41min min. Disponível em: <www.4share.com>. Acesso em: 02 de outubro de 2009.

BENJAMIN, Walter. **A criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Summus, 1984.

_____. **Obras Escolhidas I: Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CADERNOS de Educação Ambiental Água para Vida, Água para Todos: **Guia de Atividades**. Redator André de Ridder Vieira; Larissa Costa e Samuel Roiphe Barrêto (coord.). Brasília: WWF-Brasil, 2006

CRUZ, Juraildes da. Intéprete: Xangai. In: XANGAI. **Meninos**. 1999, CD-ROM, Faixa 6. 3:43 min.

EGAN, Kieran. **Imagination in teaching and learning: The Middle School years**. Chicago: The

University of Chicago Press, 1992.

_____. **An Imaginative Approach to Teaching.** San Francisco: Jossey-Bass, 2005.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com lobos: arquétipos do feminino.** São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano; MOZZA, Débora. **Na escola que fazemos uma reflexão interdisciplinar em educação.** São Paulo: Vozes, 1990.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança.** São Paulo: Paz e Terra, 1998.

GIORDANO, Alessandra. **Contando histórias: Um caminho de fios e desafios.** In: JÚNIOR, P. A; PELICIONE, M. C. F. (Coord.). Educação ambiental e sustentabilidade. São Paulo: Manole, 2004.

GODOY, Arilda Schimidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades,** Revista de

Administração de Empresas, São Paulo, v.35, nº 2, p.57-63, 1995.

MINAYO, Maria Cecília de Souza *et al.* **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

OLIVEIRA, Ines Barbosa (org). **Pesquisa no/do Cotidiano das Escolas-sobre redes desaberes.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SCLHESENER, Anita Helena. **O mundo da Criança em alguns escritos de Walter Benjamin.** Disponível em: <www.nesef.ufpr.br/baixar-arquivo.php?Arquivo...Benjamin...> Acesso em: 10 de agosto de 2009.

TOQUINHO *et al.* **Aquarela.** 03h18min min. Disponível em <www.4share.com>. Acesso em: 15 de setembro de 2009.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.

RECEBIDO EM 17/4/2010

ACEITO EM 18/7/2010